



# MÃE PRETA

---

*Dossiê Artístico Autoral*

**Dramaturgia: Robson Poeta**

Salvador - Bahia | 2026

*Se a dor não vira espetáculo, ela vira travessia.*

## 1. Identificação artística

| FUNÇÃO                         | CRÉDITO       |
|--------------------------------|---------------|
| Produção                       | Juliana Souza |
| Dramaturgia                    | Robson Poeta  |
| Iluminação                     | Robson Poeta  |
| Trilha Original                | Robson Poeta  |
| Operador e Técnico de Montagem | Joice         |
| Direção                        | A definir     |
| Atriz / Dina                   | A definir     |

## 2. Apresentação

MÃE PRETA é um espetáculo teatral solo construído a partir da memória de Dina, uma mulher negra cuja trajetória atravessa infância, juventude e maturidade. A obra parte de uma experiência de violência e descrédito, mas se recusa a transformar a personagem em sinônimo do trauma. Seu percurso dramático acompanha fuga, acolhimento institucional, trabalho, estudo, profissão, cuidado, luto, afeto e reconstrução.

A encenação é pensada para ser essencial: uma atriz, uma cadeira ou banco, uma pequena mala e a possibilidade de um prato real ou imaginário. O restante nasce da luz, do som, do silêncio, do espaço e do corpo da intérprete. Presente e memória se misturam sem necessidade de reproduzir realisticamente cada lugar ou acontecimento.

O eixo da obra está na passagem da sobrevivência para a vida. Dina aprende que aquilo que fizeram com ela pertence à sua história, mas não possui o direito de escrever seu final. Ao assumir a própria voz, ela também desmonta a ideia da mulher negra condenada à força permanente e ao cuidado dos outros. Cuidar é escolha e profissão; e quem cuida também precisa ser cuidado.

A frase 'Se a dor não vira espetáculo, ela vira travessia' sintetiza o projeto. MÃE PRETA não oferece a violência ao olhar como atração. Nomeia o que precisa ser nomeado e desloca o centro da cena para a dignidade, a escuta e a reconstrução de uma mulher que recupera o direito de dizer quem é.

### 3. Sinopse curta

Dina aprendeu cedo que algumas marcas não desaparecem com água. Violentada na infância, desacreditada pela própria família e obrigada a fugir para sobreviver, ela cresce em uma instituição de acolhimento carregando uma pequena mala e uma imensa vontade de aprender. Já adulta, trabalha lavando pratos enquanto estuda enfermagem. Ao tornar-se cuidadora, encontra em um casal de idosos aquilo que durante muito tempo desconheceu: escuta, reconhecimento, afeto e pertencimento. Entre pratos, memórias e uma mala cheia de cicatrizes, Dina atravessa a própria história para descobrir que sobreviver foi apenas o começo. Agora ela quer viver.

### 4. Sinopse ampliada

MÃE PRETA é um monólogo protagonizado por Dina, uma mulher negra que se recusa a permitir que a violência sofrida na infância determine o final de sua história. Depois de não ser acreditada ao denunciar o abuso cometido pelo próprio tio, Dina foge de casa e cresce em uma instituição de acolhimento. Aos dezoito anos, parte com poucas roupas, pouco dinheiro e uma enorme vontade de aprender. Trabalha em uma lanchonete, lava pratos e estuda à noite até formar-se como técnica de enfermagem. Mais tarde, ao trabalhar como cuidadora de idosos, conhece um casal cuja relação transforma sua compreensão sobre amor, escuta, cuidado, luto e família. O encontro com Dona Celina oferece a Dina algo que lhe faltou durante muito tempo: reconhecimento. A partir daí, ela continua estudando, forma-se em enfermagem e aprende que a mesma mulher que cuida dos outros também tem o direito de ser cuidada. Com poucos elementos cênicos, luz, som e o corpo da atriz, MÃE PRETA transforma memória em travessia e coloca no centro da cena uma mulher que deixa de ser definida pelo que fizeram com ela para assumir a autoria da própria vida.

### 5. Sinopse completa

Dina começa sua história diante de uma pia imaginária. Ao lavar pratos, percebe que um prato pode ser limpo até que ninguém saiba quem comeu nele, quem esteve à mesa ou o que aconteceu antes. Com pessoas, porém, não é assim: há marcas que a água não apaga. A partir dessa imagem, a personagem atravessa sua memória.

Ainda menina, Dina é abusada pelo próprio tio. Quando tenta contar à mãe, não encontra proteção: não acreditam nela e ela é agredida por dizer a verdade. O medo transforma a casa em ameaça, até que fugir se torna uma forma de sobreviver. Dina cresce em uma instituição de acolhimento, onde descobre que, apesar de tudo, ninguém havia conseguido arrancar dela a curiosidade, a vontade de aprender e uma gana profunda de viver.

Aos dezoito anos, deixa a instituição com uma mala, poucas roupas e quase nenhum dinheiro. Em uma semana encontra emprego numa lanchonete. De dia, lava pratos; à noite, estuda para tornar-se técnica de enfermagem. A profissão nasce de uma escolha: cuidar de pessoas. Dina conhece intimamente a falta que o cuidado faz e transforma essa ausência em presença. Depois da formação, começa a trabalhar como cuidadora de idosos e entra na casa de um casal que vive junto há décadas. Ali, ela descobre que amor pode morar em perguntas simples, em um remédio lembrado na hora certa, em um casaco colocado sobre os ombros e na disposição de acompanhar o outro devagar pela escada.

Dona Celina torna-se uma presença decisiva. Ao ouvir parte da história de Dina, não oferece pena: diz que ela deve sentir orgulho de si. A frase abre uma ferida e, ao mesmo tempo, cria uma

possibilidade de reparação simbólica. É como se a menina desacreditada finalmente escutasse: 'eu acredito em você'. Incentivada a continuar os estudos, Dina ingressa na faculdade de enfermagem. Enquanto isso, acompanha o envelhecimento e a morte do marido de Celina, aprendendo que cuidar nem sempre é impedir a morte; às vezes, é garantir que alguém não esteja sozinho quando ela chegar.

Depois, é Dona Celina quem teme a solidão. Ao dizer à idosa 'a senhora não está sozinha', Dina escuta a própria voz e finalmente dirige a mesma frase à menina que foi. Celina ainda vive o suficiente para assistir à formatura de Dina. Quando também parte, Dina compreende que luto e abandono não são a mesma coisa.

No movimento final, a pequena mala da fuga reaparece como símbolo de tudo o que Dina carregou por anos: medo, culpa, vergonha e raiva. Ela entende que a culpa e a vergonha nunca foram suas. O trauma não desaparece como sujeira de um prato, mas pode ser atravessado. A personagem então explica o nome Mãe Preta sem aceitar o estereótipo de que uma mulher negra nasceu para servir ou cuidar. Cuidar foi escolha e profissão; ser preta é parte de quem ela é, não a parte triste de sua história.

Dina reconhece que a mulher forte também cansa, que quem cuida também precisa de cuidado e que sobreviver foi apenas a primeira parte. Ao retornar à imagem do prato, recusa-se a apagar a própria história para parecer 'limpa' aos olhos de alguém. Ela tem marcas, passado e cicatrizes, mas tem também diploma, profissão, memória, sonhos e nome. O espetáculo termina quando a personagem assume diante da plateia a autoria da própria história: 'Eu sou Dina. Eu sou Mãe Preta. E dessa vez... eu acredito em mim.'

## 6. Conceito da obra

O conceito central de MÃE PRETA é a travessia entre sobreviver e viver. Dina passou grande parte da existência aprendendo estratégias para continuar de pé: calar para não apanhar, fugir para permanecer viva, trabalhar para se sustentar, estudar para construir autonomia e cuidar para transformar ausência em presença. Mas permanecer viva não significa, por si só, estar livre.

A travessia mais profunda acontece quando Dina deixa de organizar sua identidade apenas a partir do que sofreu e passa a assumir a autoria da própria narrativa. O espetáculo não propõe esquecimento, cura instantânea ou superação heroica. As cicatrizes permanecem. O que muda é o lugar ocupado por elas.

Dois objetos organizam simbolicamente essa ideia. O prato representa o desejo de apagar vestígios: lavar, secar e guardar até que ninguém saiba o que aconteceu antes. A mala representa aquilo que foi carregado durante anos: medo, culpa, vergonha, raiva e memória. No final, Dina não se torna uma pessoa sem passado; torna-se alguém capaz de decidir como continuará carregando esse passado.

## 7. Justificativa artística

MÃE PRETA nasce da necessidade de colocar no centro da cena uma mulher complexa, cuja existência não seja reduzida à violência que sofreu. A obra reconhece a gravidade do abuso sexual infantil, do descrédito familiar e da ausência de proteção, mas escolhe dirigir a dramaturgia para aquilo que acontece depois: como alguém reconstrói a confiança, o pertencimento e o direito de desejar o futuro.

A peça também investiga o cuidado como linguagem humana. Uma menina que não foi protegida cresce e escolhe profissionalmente cuidar. Essa escolha, contudo, não é apresentada como destino natural de uma mulher negra nem como obrigação inscrita em sua pele. Ao contrário, o texto afirma que cuidar foi profissão, decisão e forma de transformar falta em presença.

Outro eixo é o direito à fragilidade. Dina não precisa permanecer a 'mulher forte' o tempo inteiro. A personagem pode chorar, cansar, pedir colo e ser cuidada. Ao desmontar a obrigação da resistência permanente, a obra aproxima sua experiência de diferentes públicos sem apagar sua identidade racial.

Teatralmente, a proposta valoriza o trabalho da atriz e a imaginação do espectador. A economia de objetos desloca a potência para a palavra, a luz, o som e o corpo. A violência é nomeada com responsabilidade, mas não é reproduzida graficamente. O objetivo não é fazer o público contemplar a dor de Dina; é fazê-lo atravessar com ela um percurso de memória, reconhecimento e liberdade.

## 8. Objetivo artístico geral

Construir e apresentar uma obra teatral centrada na trajetória de Dina, transformando memória, escuta, cuidado e reconstrução em experiência cênica e afirmando o direito da personagem de existir para além da violência que sofreu.

## 9. Objetivos artísticos específicos

- Colocar uma mulher negra no centro da narrativa com complexidade, desejo, profissão, humor, fragilidade e autonomia.
- Abordar violência sexual na infância de forma clara e responsável, sem reprodução gráfica ou exploração sensacionalista.
- Investigar o cuidado como escolha, profissão, afeto e relação humana, e não como obrigação associada a gênero ou raça.
- Construir uma dramaturgia em que presente e memória coexistam no corpo de uma única atriz.
- Utilizar luz, som, silêncio e poucos objetos como elementos dramáticos, e não apenas ilustrativos.
- Promover uma reflexão sobre escuta, descrédito, acolhimento, educação, trabalho, envelhecimento, luto e pertencimento.
- Questionar a exigência de força permanente dirigida às mulheres e afirmar o direito de quem cuida também receber cuidado.
- Conduzir o público do reconhecimento da violência para uma percepção mais ampla da vida, da dignidade e da autoria de si.

## 10. Personagem - Dina

DINA é uma mulher negra cuja idade cênica pode acompanhar a escolha da montagem. Sua voz atravessa infância, juventude e maturidade. Ela não é construída como vítima permanente. É curiosa, observadora, inteligente, capaz de humor, disciplinada e movida por uma forte vontade de aprender e viver.

Na infância, conhece o descrédito e a violência. Na adolescência, transforma o acolhimento institucional em espaço de descoberta. Na juventude, trabalha e estuda. Na vida adulta, escolhe o cuidado como profissão e encontra relações que reconfiguram sua compreensão de afeto e pertencimento.

Seu arco principal é a passagem da necessidade de ser acreditada pelos outros para a capacidade de acreditar em si mesma. A personagem chega ao final sem negar as cicatrizes, mas recusando que elas sejam sua definição.

## 11. Temas centrais

- Escuta e descrédito
- Proteção da infância
- Sobrevivência e vida
- Memória e trauma
- Cuidado e reciprocidade
- Acesso à educação
- Trabalho e autonomia
- Mulher negra e direito à fragilidade
- Envelhecimento e relações intergeracionais
- Luto e abandono
- Pertencimento
- Identidade
- Dignidade
- Autoria da própria história

## 12. Concepção dramática

A dramaturgia de MÃE PRETA é organizada como memória em ação. Dina está no presente e, diante da plateia, atravessa diferentes idades sem deixar de ser a mulher que narra. A mesma atriz contém a menina, a adolescente, a jovem e a adulta. As mudanças não dependem de caracterizações realistas; surgem de ritmo, respiração, postura, olhar, silêncio e relação com o espaço.

O texto trabalha com retornos e ressignificações. No início, Dina fala de pratos que podem ser lavados até perder qualquer vestígio de sua história. No final, ela rejeita a ideia de apagar o próprio passado para parecer intacta. A mala começa como objeto de fuga e se transforma em imagem do peso emocional carregado durante anos. A falta de escuta da infância encontra, mais tarde, o reconhecimento de Dona Celina e culmina na capacidade de Dina acreditar em si mesma.

Esse arco pode ser resumido em três movimentos: não acreditaram nela; alguém finalmente a reconhece; ela passa a acreditar em si. A ação principal não é esquecer o passado, mas reposicioná-lo.

## 13. Concepção de encenação

A encenação parte da simplicidade e do protagonismo absoluto da atriz. O espaço cênico pode ser construído com uma cadeira ou banco, uma pequena mala e um prato real ou imaginário. Não é necessário reproduzir de forma naturalista a casa da infância, a instituição de acolhimento, a lanchonete, a casa do casal ou a faculdade. Esses lugares podem nascer da relação entre corpo, luz, som e vazio.

A economia cenográfica favorece a circulação do espetáculo e, ao mesmo tempo, intensifica a imaginação do público. Uma mudança de luz pode deslocar o tempo. Três batidas podem criar uma porta. Uma cadeira pode conter uma ausência. Um gesto repetido pode atravessar décadas.

A direção de interpretação deve evitar uma personagem permanentemente quebrada ou chorosa. Dina possui humor, observação, inteligência e domínio sobre sua narrativa. O trauma atravessa esse domínio em momentos específicos. Quanto maior a contenção, maior a potência dos instantes em que a memória rompe a proteção construída pela personagem.

## 14. Concepção de iluminação

A iluminação, concebida por Robson Poeta, terá função dramaturgica. Seu papel é criar estados de memória, recortes de intimidade, deslocamentos de tempo, presença e ausência, sem transformar a violência em efeito visual.

O desenho pode partir de um espaço mais restrito e gradualmente ampliar a percepção do palco conforme Dina conquista autonomia sobre a própria narrativa. Recortes, contraluzes, laterais, sombras, vazios e transições lentas podem substituir cenários realistas.

A luz não deverá recorrer a códigos fáceis - como o uso automático de vermelho para violência - nem ilustrar literalmente cada emoção. Ela deverá respirar com a atriz, preservar os silêncios e colaborar para que presente e memória coexistam no mesmo espaço.

## 15. Concepção sonora e trilha original

A trilha original e a concepção sonora, assinadas por Robson Poeta, partem do cotidiano. Água correndo, pratos, talheres, ruído de avenida e buzinas introduzem o universo de Dina antes que a memória seja nomeada. Ao longo do espetáculo, o som pode criar transições, atmosferas e vestígios de lugares sem ocupar o espaço da palavra.

A trilha deverá evitar a indução emocional excessiva. Não se pretende dizer ao público quando chorar. O silêncio terá valor musical e dramaturgico, especialmente nos momentos de revelação, reconhecimento, morte, luto e escolha.

A sonoridade deve funcionar como memória: às vezes concreta, às vezes incompleta, às vezes quase ausente. O objetivo é sustentar o percurso da atriz sem transformar a cena em ilustração sonora.

## 16. Elementos simbólicos

PRATO - No início, Dina observa que um prato pode ser lavado, seco e guardado até que ninguém saiba o que aconteceu antes. A imagem traduz a tentativa social de apagar marcas e silenciar histórias. No final, ela recusa essa lógica: não quer apagar o passado para parecer limpa aos olhos de ninguém.

MALA - A mala surge como objeto de fuga: poucas roupas e a necessidade de sair. Mais tarde, torna-se símbolo do que Dina carregou por anos - medo, culpa, vergonha e raiva. Abrir a mala significa olhar para aquilo que foi acumulado. Fechá-la não representa esquecer; representa retomar a escolha sobre o que será carregado e de que maneira.

MÃOS - Ao longo da narrativa, as mãos lavam, trabalham, escrevem, medem pressão, dão banho, seguram outras mãos e finalmente se tornam imagem de cuidado recíproco. Sem necessidade de transformar esse elemento em objeto físico, a direção pode explorar sua presença corporal como fio visual da obra.

## 17. Tratamento ético da violência

MÃE PRETA aborda violência sexual praticada contra uma criança. A opção dramatúrgica é nomear a violência sem reproduzi-la cenicamente. Não há necessidade de mostrar o abuso, erotizar a situação, criar imagens gráficas ou usar o sofrimento como chamariz promocional.

O corpo da atriz pode revelar as consequências - medo, tensão, memória corporal - sem reencenar a agressão. Essa escolha preserva a dignidade da personagem e mantém o foco sobre sua experiência, e não sobre o agressor.

A comunicação do espetáculo deve informar com clareza e discrição a existência de conteúdo sensível. Em ações de conversa com o público, a obra deve permanecer no campo artístico e cultural, sem assumir função terapêutica ou de atendimento especializado.

## 18. Significado do título MÃE PRETA

O título MÃE PRETA é assumido pela personagem sem aceitar o estereótipo de que mulheres negras nasceram para cuidar, servir, maternar ou suportar. No texto revisado, Dina afirma que cuidar nunca foi obrigação escrita em sua pele: foi escolha e profissão.

A palavra 'Preta' não designa a parte triste da história. Ela nomeia uma dimensão da identidade de Dina. O que foi trágico foi a violência cometida contra ela, não sua negritude. Essa distinção é fundamental para que o título seja afirmativo e não reduza a personagem a uma imagem histórica de serviço e resistência.

Quando Dina conclui que 'Mãe Preta também precisa ser cuidada', o título se amplia. A mulher que oferece cuidado aos outros também reivindica o direito de recebê-lo. No final, ao dizer 'Eu sou Dina. Eu sou Mãe Preta', a personagem não aceita um rótulo imposto; ela assume o próprio nome e o significado que escolheu para ele.

## 19. Relevância cultural e social

MÃE PRETA dialoga com questões sociais amplas sem abandonar sua natureza artística. A obra toca em proteção da infância, escuta de vítimas, acolhimento institucional, acesso à educação, trabalho, cuidado profissional, envelhecimento, relações intergeracionais, luto, identidade da mulher negra e direito à fragilidade.

Sua relevância está também no modo como organiza esses temas. A personagem não é construída como exemplo abstrato nem como símbolo de sofrimento. Dina é uma pessoa inteira. Trabalha, estuda, aprende, cuida, ri, perde pessoas, cria vínculos e deseja o futuro. Essa escolha permite que públicos com histórias muito diferentes encontrem pontos de identificação sem que a especificidade da personagem seja apagada.

A universalidade da obra nasce das perguntas que ela provoca: quem acreditou em nós quando precisamos? Quem nos ensinou a cuidar? Quem cuida de quem sempre cuida? O que carregamos como culpa ou vergonha sem que nos pertença? E quando sobreviver deixa de ser suficiente para que a vida possa realmente começar?

## 20. Público com quem a obra dialoga

A obra dialoga prioritariamente com jovens e adultos e pode alcançar público geral, estudantes, educadores, profissionais da saúde, cuidadores, profissionais da assistência social, pessoas idosas, famílias, coletivos de mulheres, grupos ligados à promoção da igualdade racial e espectadores interessados em dramaturgia contemporânea.

Por abordar violência sexual na infância e violência intrafamiliar, a montagem deverá comunicar previamente a existência de conteúdo sensível e definir a classificação indicativa de acordo com a encenação final e os critérios aplicáveis.

## 21. Defesa artística para banca

MÃE PRETA não pede ao público que contemple o sofrimento de uma mulher. Pede que caminhe com ela. Quando criança, Dina tentou falar e não foi ouvida. Quando adulta, transforma a escuta em profissão e cuidado. Quando encontra alguém capaz de reconhecer sua trajetória, começa a compreender que também pode olhar para si com orgulho.

A violência não desaparece de sua memória. O que desaparece é o direito daquela violência de definir sozinha quem Dina é. A peça se recusa tanto ao apagamento quanto à exploração do trauma. Por isso, sua linguagem é econômica, íntima e centrada na atriz.

O projeto acredita que algumas histórias não precisam ser esquecidas para que suas personagens possam continuar. Precisam ser atravessadas. MÃE PRETA é essa travessia: da menina desacreditada à mulher que consegue afirmar, diante da plateia, o próprio nome e a própria existência.

## 22. Pitch curto

MÃE PRETA é um monólogo sobre Dina, uma mulher negra que sobrevive à violência na infância, cresce em uma instituição de acolhimento, trabalha para financiar os próprios estudos e encontra na enfermagem e no cuidado um caminho de reconstrução. Com uma atriz, uma mala, poucos objetos, luz e som, o espetáculo transforma uma experiência de sobrevivência em reflexão sobre escuta, afeto, dignidade e o direito de escrever a própria história.

## 23. Pitch de uma frase

*“Uma mulher que passou a vida sobrevivendo descobre que sobreviver não basta: ela também tem direito de viver.”*

## 24. Frases-conceito

*“Se a dor não vira espetáculo, ela vira travessia.”*

*“Sobreviver foi a primeira parte. Agora... eu quero viver.”*

*“Mãe Preta também precisa ser cuidada.”*

*“Preta é quem eu sou. Não é a parte triste da minha história.”*

*“Não sou aquilo que fizeram comigo.”*

*“Depois da sobrevivência... existe vida.”*

*“Eu sou Dina. Eu sou Mãe Preta. E dessa vez... eu acredito em mim.”*

## 25. Perfil do dramaturgo

Robson Poeta é poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, produtor musical e profissional técnico de teatro. Sua trajetória artística foi construída em diálogo permanente com o palco e os bastidores, reunindo experiência em iluminação, som, vídeo, técnica de palco e gestão técnica. Essa convivência prolongada com a cena atravessa sua escrita dramática, marcada pela atenção ao corpo do intérprete, à luz, ao som, ao silêncio e à viabilidade real da encenação.

Em MÃE PRETA, assina a dramaturgia, a concepção de iluminação e a trilha original, articulando texto e linguagem técnica como partes do mesmo pensamento cênico.

## 26. Observação de uso

Este dossiê reúne o núcleo artístico e autoral de MÃE PRETA. Campos administrativos, orçamento, metas, cronogramas financeiros, documentação do proponente e adequações específicas devem ser complementados pela produção conforme as regras de cada edital.